

ORIENTE MÉDIO



Palestina ferida, coberta por sangue e poeira, abraça a filha, em Khan Yunis, no sul de Gaza



Na mesma cidade, mulher chora sobre o corpo de familiar, em emergência do Hospital Nasser



Palestino beija o pé de criança morta em bombardeio israelense, também no sul do enclave



Criança observa mulher chorando sobre os cadáveres de membros da família Nofal, em Rafah

África do Sul acusa Israel de genocídio

Governo de Pretória apresenta queixa contra o Estado judeu ante a Corte Internacional de Justiça, em Haia, na Holanda, pelos ataques à população civil na Faixa de Gaza. Premiê Benjamin Netanyahu denuncia "hipocrisia"

» RODRIGO CRAVEIRO

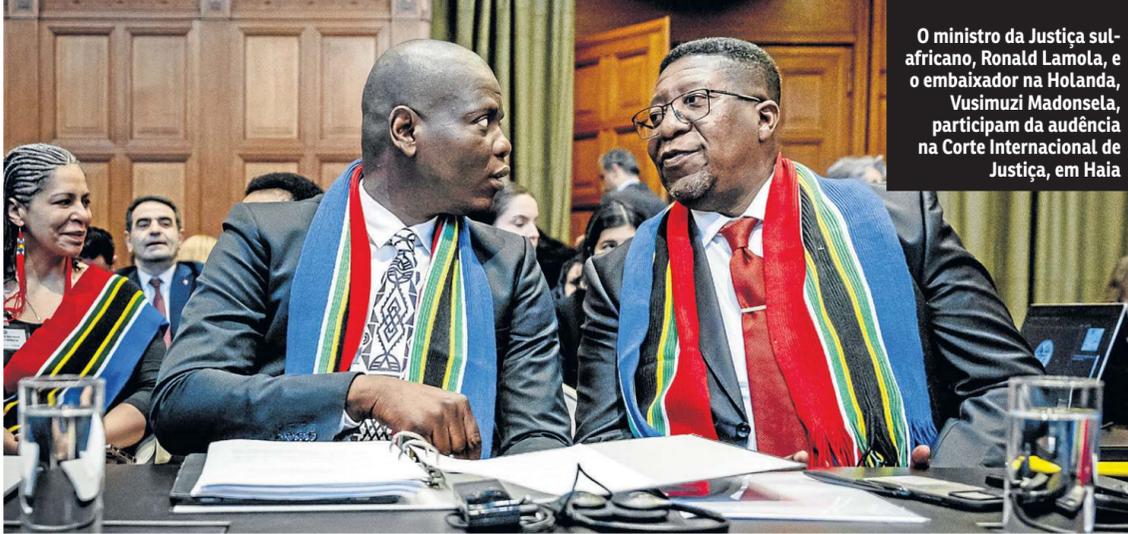
Sob o respaldo dos governos de Brasil e Colômbia, a África do Sul apresentou, ante a Corte Internacional de Justiça (CIJ), em Haia (Holanda), uma acusação formal contra Israel pela "intenção arrepiante e incontestável" de destruir e cometer genocídio na Faixa de Gaza. "Os atos e as omissões de Israel reclamados pela África do Sul têm caráter genocida, pois se destinam a provocar a destruição de uma parte substancial do grupo nacional, racial e étnico palestino", afirma o documento assinado pelo embaixador sul-africano em Haia, Vusimuzi Madonsela.

Adila Hassim, advogada representando a África do Sul, frisou que a CIJ tem o "benefício" das últimas 13 semanas de evidências. "Elas mostram, incontestavelmente, um padrão de conduta e uma intenção relacionada que justificam uma alegação plausível de atos genocidas", declarou, ao apresentar o caso ante os 17 juízes.

O ministro da Justiça da África do Sul, Roland Lamola, sublinhou que "nenhum ataque armado ao território de um Estado, por mais grave que seja (...), justifica a violação da Convenção (sobre a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio)". "A resposta de Israel ao ataque de 7 de outubro ultrapassou essa linha." Lior Haiat, porta-voz da chancelaria israelense, classificou a África do Sul como um "braço legal" do grupo extremista Hamas.

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, disse que seu país combate terroristas e mentiras. "Mais uma vez, assistimos a um mundo invertido, em que o Estado de Israel é acusado de genocídio, no momento em que luta contra o genocídio. (...)

Ramko de Waal/ANP/AFP



O ministro da Justiça sul-africano, Ronald Lamola, e o embaixador na Holanda, Vusimuzi Madonsela, participam da audiência na Corte Internacional de Justiça, em Haia

Pontos de vista

Por Daniel Zohar Zonshine

"O direito internacional trabalha contra nós"

"Nós cumprimos com o direito internacional, embora trabalhe contra nós, o que torna a guerra mais difícil. É a nossa obrigação, enquanto nação democrática. O Hamas comete crimes de guerra que não estão nos livros, como vimos em 7



de outubro. Está bem claro, do ponto de vista legal e moral, que o que Israel faz não é pelo o que somos acusados. Esperamos que a guerra acabe, e o Hamas não mais governe Gaza."

Embaixador de Israel no Brasil

Por Ibrahim Alzeben

"É uma conquista para a humanidade"

"A apresentação das acusações contra Israel em Haia é uma conquista para a humanidade em geral. Israel deve pagar o preço pela ocupação; pelo assassinato de crianças, mulheres e idosos; pelo deslocamento de moradores; pela destruição



de cidades e de aldeias; pela imposição da fome à população palestina; pelo assassinato de jornalistas. A lista é longa e todos os crimes se enquadram na descrição de genocídio."

Embaixador palestino no Brasil

"Isso foi o que o Hamas tentou fazer em 7 de outubro, ao assassinar israelenses apenas por serem israelenses, não por algo que fizeram ou não fizeram. Pelo contrário, o que Israel está tentando fazer é alvejar integrantes do Hamas, não o povo de Gaza."

De acordo com o embaixador, a África do Sul adotou uma abordagem favorável ao Hamas desde o primeiro dia, depois de 7 de outubro. "Não há base para as acusações contra Israel. Israel não tem civis como alvos. Tentamos evitar pessoas não envolvidas (com o Hamas). O fato de o Hamas usá-las como escudos humanos é a razão pela qual muitas são vítimas de violência em Gaza", disse. "Entre as pessoas mortas em Gaza, 8 mil ou 9 mil eram integrantes do Hamas, eliminados durante combates."

Ibrahim Alzeben, embaixador palestino em Brasília, considerou a sessão em Haia histórica. "O processo de responsabilização do colonialismo recomeçou. O mais importante está em sua dimensão humana. É urgente parar o genocídio em Gaza", comentou ao **Correio**. Ele destacou que, pela primeira vez, Israel se encontra perante um tribunal internacional, "forçado a pagar o preço pelos seus repetidos crimes de agressão, ocupação e deslocamento da população, e pelas declarações irresponsáveis de líderes, ministros e clérigos que apelaram ao extermínio dos palestinos". "Ninguém está imune à Justiça", advertiu Alzeben.

Alanna O'Malley, professora de história internacional e da ONU na Universidade de Leiden (Holanda), avaliou que a África do Sul apresentou a acusação de forma convincente. "Os sul-africanos argumentaram que têm a obrigação de prevenir o genocídio, mesmo que não estejam diretamente afetados por ele."

EQUADOR

Violência mata 16 e faz 178 reféns em prisões

O narcotráfico semeia o terror no Equador e impõe seu poder violento de dentro dos presídios. Em quatro dias de desafio ao Estado, 178 agentes carcerários foram feitos reféns dentro das prisões e foi lançada uma ofensiva com tiros e explosivos que deixou 16 mortos. O governo explica os ataques recentes como uma represália das organizações criminosas, com cerca de 20 mil membros, em repúdio às suas políticas de firmeza para corrigir o rumo de um país que, até pouco tempo atrás, era tranquilo. Nos últimos cinco anos, no entanto, a taxa de

homicídios por 100 mil habitantes passou de 6 para 46 em 2023.

Mas o presidente Daniel Noboa, de 36 anos, empossado em novembro, alertou que não vai dar o braço a torcer: "Ceder diante do mal, jamais! Lutar incansavelmente, sempre!", disse em um discurso. Na terça-feira, a ofensiva do narcotráfico mostrou sua pior face, com um ataque a uma emissora de TV registrado ao vivo, que deu a volta ao mundo. Homens encapuzados e armados com fuzis e granadas ocuparam o canal público TC Televisión durante o telejornal do meio-dia, renderam jornalistas e

AFP



Soldados revistam suspeitos durante operação em Quito: licença para matar "terroristas"

feriram dois funcionários. Ontem, a emissora retomou a transmissão de seu noticiário principal, expressando gratidão às forças de segurança que libertaram os jornalistas e os demais trabalhadores.

"Quiseram provocar temor, mas despertaram nossa ira. Acreditaram que submeteriam todo um país e esqueceram que as Forças Armadas são treinadas para a guerra", declarou o ministro da Defesa, Gian Carlo Loffredo, em mensagem publicada nas redes sociais. Mais de 22.400 militares foram mobilizados; há patrulhas por terra, ar e mar, batidas

nas ruas, operações nas prisões e toques de recolher.

A crise atual começou no domingo, quando um dos chefes do crime organizado mais temidos do país desapareceu da prisão onde cumpria pena em Guayaquil. A fuga de Adolfo Macías, o "Fito", líder da principal quadrilha do Equador, conhecida como Los Choneros, seguiu-se uma investida violenta: motins nos presídios, 178 agentes carcerários feitos reféns pelos detentos, sete policiais sequestrados (seis dos quais foram liberados), ataques com explosivos e veículos incendiados.